

## A MEDALHA MOACYR ALVARO

Prof. H. Marback \*

Com a mais profunda e afetuosa emoção evoco neste momento a figura impar de Moacyr Alvaro, patrono da medalha que acabo de receber. Promovida pelo Centro de Estudos Moacyr Alvaro ela se destina a gratificar aqueles que se destacam na Oftalmologia Nacional.

Reconhece o premiado deste ano, sem falsa modéstia, não possuir mérito para tão alta distinção. Ele tem sã consciência de que a escolha do seu nome foi altamente influenciada pela generosidade amiga daqueles encarregados da concessão do prêmio, mas considera também ter contribuído para tanto a sincera admiração que ele sempre devotou a Moacyr Alvaro pelo muito que fez, a sua época, não só pelo ensino da nossa especialidade como pela aproximação dos oftalmologistas de toda a América Latina. O premiado deste ano gozou do privilégio de tê-lo conhecido, de ter sido distinguido com seu apreço, e de com ele ter discutido, de viva voz ou por correspondência, a elaboração de vários programas em prol da melhoria do ensino e progresso da nossa especialidade.

Meu conhecimento com Moacyr Alvaro data de 1940, aqui, em São Paulo. Seu modo de ser, sua filosofia de vida, o alto prestígio social e conceito científico de que gozava, a objetividade com que dava suas aulas sempre cuidadosamente preparadas, utilizando recursos audiovisuais — ainda pouco usados entre nós — a marcada liderança junto ao grupo que dirigia; tudo isso de logo despertou minha admiração por ele, transformada depois numa amizade que perdurou por toda a sua vida, e envaideço-me de tê-la mantido na pessoa de seu digno continuador, Renato de Toledo .

Impressionava-me, e a todos causava admiração, seu alto grau de relacionamento e familiaridade com o mundo oftalmológico de então — Moacyr Alvaro conhecia todas as grandes clínicas do Velho e Novo Mundo e gozava do convívio e intimidade dos seus Titulares.

Conquistou Moacyr Alvaro esta excepcional posição graças a suas grandes qualidades, das quais salientaria: perfeito “gentleman”, inextinguível poliglota, idealista e arauto de um programa a que se dedicava com verdadeira obsessão: melhorar a nossa Oftalmologia; e para isto não mediu esforços, recorrendo a todos os meios possíveis.

Em nossa especialidade ele foi pioneiro de congressos, jornadas, cursos intensivos de atualização, intercâmbio de Professores, \*\* tradução de livros

\* Agradecimento do Prof. Heitor Marback ao receber a medalha Moacyr Alvaro (21-7-77).

\*\* Introdutor da ortóptica no Brasil.

de texto, bolsas de estudo, a revista Ibero-Americana e, por fim, sua criação máxima: o Conselho Brasileiro de Oftalmologia, hoje uma realidade. Só uma energia hercúlea a serviço de uma capacidade extraordinária de trabalho e organização conseguiria realizar tanto em tão pouco tempo, considerando-se as dificuldades que ele teve de enfrentar e remover. Permitam-me citar dois únicos exemplos: em 1942, com seu alto prestígio conseguiu vinte bolsas de estudo de pós-graduação para jovens oftalmologistas brasileiros, nos Estados Unidos, mas, para grande frustração sua, da qual me lembro bem, ele só conseguiu preencher três das vinte vagas: Manuel Silva, Geraldo Queiroga e este que vos fala.

O segundo, seu grande sonho, a oficialização da CBO aos moldes dos "American Boards", ainda está por ser conseguido, mas acreditamos que será uma realidade em futuro próximo e para isto contamos, agora, com o apoio e prestígio da Ass. Médica Brasileira.

Alguém já disse, com razão, que a melhor maneira de reverenciar os grandes homens que já se foram é considerá-los vivos, tratando-os como se presentes estivessem, participando dos nossos diálogos.

É admirável que Moacyr Álvaro continue a influenciar tão profundamente os seus continuadores, depois de 18 anos de falecido. A época é bem diferente, os problemas são outros, mas aquele seu idealismo e exemplo edificante nos ajudam a encontrar soluções.

Assim pensando, perguntáremos: qual seria a reação de Moacyr Álvaro? Qual a solução que ele proporia para melhorar o ensino da Oftalmologia no curso de formação e pós-graduação?

Acredito ser este, presentemente, o problema máximo no ensino de nossa especialidade e que está a exigir solução imediata. É esta a razão de o trazermos a vossa consideração.

O problema é complexo e universal, principalmente nos países em desenvolvimento. Em princípio resultou esta verdadeira crise do aumento do alunato no curso médico, na década dos anos 60, sem que houvesse crescimento correspondente da área física, por aluno, isto é, número de leitos, ambulatórios, equipamentos, etc. O mesmo se observa no que se refere ao corpo docente, numericamente pequeno para atender ao ensino, sobretudo se levarmos em conta os encargos assistenciais que lhe são delegados e crescem em curva potencial.

É fato incontestável que só se pode fazer de um candidato qualificado um bom oftalmologista, através de pós-graduação sob forma de Residência em dedicação exclusiva, num período nunca inferior a dois anos. Numericamente, são poucas as Residências no Brasil e a cada ano é crescente o número de bons candidatos à Residência. É, então, constrangedor que, por falta de vagas, sejam eles obrigados a tentar tornar-se especialistas, ou autodidaticamente ou freqüentando Serviços oficiais ou privados como simples observadores. Isto, sem levar em conta serem muito poucas as Escolas que oferecem boas condições para tanto, por motivos os mais diversos. Urge, pois, ampliar e melhorar a Residência em Oftalmologia para que possamos formar novos e bons Oftalmologistas.

Além do acréscimo natural pelo aumento do alunato no curso médico, outro fator contribui, presentemente, para acentuar a crise na formação de especialista em Oftalmologia — refiro-me ao aumento do número de candidatos: é o falso retrato que dela fazem, o público em geral, nossos colegas médicos e o estudante. Como especialidade ela é considerada fácil e muito limitada; sob o ponto de vista cirúrgico julgam-na altamente compensadora, já que o preço cobrado por uma operação de catarata, com a duração de 20 a 40 minutos, equivale ao de operações de longo porte e alto risco; constitui exceção ser o oftalmologista perturbado durante suas horas de repouso e lazer por casos urgentes, como acontece em outras especialidades como Medicina interna, Traumatologia etc. Há outro ponto que também é mal interpretado: acham eles que a dificuldade em ser obtida hora de consulta junto ao oftalmologista significa volume grande de clínica, não considerando, pois, que dito volume resulta de exames de refração.

Deste modo é visto o oftalmologista pelo jovem recém diplomado que procura se tornar um especialista, sem ouvir, em primeiro lugar, os apelos da sua verdadeira vocação e sem considerar os atributos naturais que uma especialidade como a nossa exige. As conseqüências que este falso e tentador retrato que fazem da Oftalmologia vem trazendo, foram apontadas com muita propriedade por Edward Maumenee na sua conferência sobre novas técnicas da cirurgia da catarata, feita na "Chicago Ophthalmological Society", em maio do ano passado.

Como disse, os tempos são outros, os problemas são diferentes — e estou apontando apenas um deles, dos que aí estão a merecer nossa consideração e solução.

O otimismo, o idealismo e a tenacidade que Moacyr Alvaro sempre a eles dedicou, são exemplos edificantes e um precioso legado deixado a nós Professores de Oftalmologia e aos futuros responsáveis pelo ensino da nossa especialidade, em busca de soluções.